

Sabiás com fome, bueiros entupidos

Categories : [Olhar Naturalista](#)

Quase todo mundo deve ser familiar com o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*). A ave-símbolo do Brasil (escolha rechaçada pela maioria dos ornitólogos) é um habitante comum de praças, parques e jardins de boa parte do Brasil.

Ali ele pode ser visto revirando folhas e detritos vegetais (onde estes existem) em busca de minhocas, insetos e outros animalejos que são parte de sua dieta. Um comportamento que posso assistir nas praças da região central da cidade de São Paulo, onde vivo.

O exército de criaturas escavadoras que, nos diferentes ecossistemas brasileiros, inclui minhocas, paquinhos, formigas, cupins, lagartos, cobras-cegas, ratos, tatus e uma infinidade de outras criaturas não é somente uma fonte de alimento para outros animais: ele é responsável por alguns dos serviços ecossistêmicos mais importantes e menos reconhecidos.

O mais evidente é o aumento da permeabilidade do solo, o que faz com que as águas das chuvas infiltrem e recarreguem lençóis freáticos e aquíferos ao invés de apenas escorrerem pela superfície e serem perdidas pela evaporação. O que, em geral, está associado a alagamentos.

Estes animais ajudam a água a ir onde ela é solução, e não problema.

Charles Darwin foi um autor prolífico que escreveu livros sobre atóis de coral e a polinização das orquídeas. Além, é claro, da evolução por seleção natural e sexual ([todos disponíveis aqui](#)). O último de seus 25 livros, publicado em 1881, foi *A Formação de Terra Vegetal Através da Ação Das Minhocas* (*The formation of vegetable mould, through the action of worms*).

Neste, o grande homem descreve e demonstra como os humildes vermes anelídeos são uma força geológica e geoquímica poderosa na formação de solos e, usando linguagem contemporânea, no sequestro de matéria orgânica e carbono.

Este é o outro serviço ecossistêmico, não reconhecido e muito menos pago, prestado pelos poderosos bichos do solo. Se você é professor pode gostar de tentar esta atividade, [inspirada naquele livro](#), com seus alunos. Em tempos de mudanças climáticas e perda da qualidade dos solos agrícolas seria bom lembrar descobertas feitas 134 anos atrás. E abrir o foco para valorizar outras criaturas escavadoras que são vilipendiadas.

Por exemplo, [pesquisa bem recente](#) mostra que cupins, ao construírem suas galerias e cupinzeiros, criam refúgios que permitem que plantas (e animais) resistam melhor às secas,

efetivamente construindo barreiras contra a expansão de desertos sobre ambientes frágeis.

Estes serviços gratuitos são destruídos quando estes animais são eliminados. Em terras agrícolas o uso de maquinário e pesticidas causa o biocídio da fauna subterrânea e resulta na compactação do solo.

Aqui nas praças do Centro de São Paulo quem faz isso são os garis, arquitetos de "áreas verdes" com solo duro, nu e estéril como um tijolo. E onde sabiás passam fome.

Estes heróis da limpeza urbana tentam manter habitável uma cidade onde a maior parte da população não percebeu que seus ancestrais desceram das árvores faz alguns milhões de anos e ainda se comportam como macacos-prego durante o almoço. Meus concidadãos jogam nas ruas e calçadas milhares de toneladas diárias de lixo que, em países menos primitivos, as pessoas colocam em lixeiras.